

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Junho de 2025 - Nº 636

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

METAS, MILHO E MEIA VOLTA NO ANO

LEONARDO LABEGALINI

A cafeteria estava toda enfeitada com bandeirinhas coloridas, balões de papel e uma mesa com quitutes típicos: bolo de fubá, canjica, paçoca e até quentão sem álcool. No canto, uma sanfona tocava baixinho no rádio, embalando o ambiente com aquele clima alegre e nostálgico de festa junina.

Téo entrou sorrindo, encantado com a decoração.

— Que delícia de ambiente! Só faltou a fogueira no meio da cafeteria! — brincou, ao se sentar na mesa de sempre.

O Líder Inspirador, com uma xícara de café fumegante nas mãos e um pedaço de bolo no prato, o cumprimentou com entusiasmo.

— Junho chegou, Téo. A festa é junina, mas o assunto hoje é bem sério.

Téo riu. — Já entendi... vem reflexão por aí.

— Sempre vem — respondeu o Líder, com um sorriso. — Estamos

no último mês do primeiro semestre. Já parou pra pensar em como o tempo passou rápido?

Téo parou por um instante, surpreso.

— Caramba, é verdade. Parece que o ano começou outro dia...

— E me diz uma coisa — continuou o Líder, apoiando os cotovelos na mesa —, quais metas você já alcançou nesses primeiros seis meses?

Téo ficou em silêncio. A pergunta o pegou desprevenido.

— Sinceramente... não sei. Acho que eu nem cheguei a estabelecer metas claras para este ano.

O Líder Inspirador assentiu com a cabeça.

— E aí está o ponto. Quando a gente não sabe onde quer chegar, qualquer caminho serve. E quando o tempo passa, a sensação é de que ele simplesmente escorreu pelas mãos.

— Eu estava tão envolvido com o trabalho, as urgências do dia a dia, que fui empurrando a vida com a barriga — confessou Téo. — Mas agora percebo que estou na metade do ano sem direção.

— E ainda dá tempo de mudar isso — disse o Líder com firmeza. — O segundo semestre está chegando. Você pode encarar julho como um novo janeiro. E para isso, o mínimo que precisa é de clareza.

Téo endireitou-se na cadeira, atento.

— Por onde eu começo?

— Comece definindo metas. Não precisa ser nada exagerado. Escolha de duas a três metas por área da sua vida: profissional, pessoal, espiritual, saúde, relacionamentos... O importante é que sejam metas específicas, alcançáveis e que façam sentido pra você.

Téo pegou o celular e começou a anotar, empolgado com a ideia.

— Acho que nunca fiz isso com tanta consciência. Sempre fui deixando a vida me levar.

— E veja onde isso te trouxe: à metade do ano, com uma sensação de que algo está faltando. A boa notícia é que agora você sabe disso. Pode fazer diferente.

Téo sorriu. — Sabe o que é curioso? A gente marca

compromisso com todo mundo, menos com a gente mesmo.

O Líder Inspirador levantou a sobrancelha.

— Excelente observação. Definir metas é, acima de tudo, um compromisso com você. É dizer: “Eu importo. Minha vida merece direção.”

O cheiro de canela e milho verde tomava conta do ambiente. A leveza da festa junina contrastava com o peso da reflexão que Téo carregava — mas, de forma positiva, como se algo dentro dele estivesse sendo reorganizado.

— E se eu falhar? — perguntou, com certa insegurança.

— Falhar faz parte. O erro só se torna fracasso quando você para de tentar. Metas são guias, não prisões. Elas te ajudam a caminhar com intenção.

Téo olhou ao redor, observando as bandeirinhas coloridas penduradas sobre suas cabeças.

— Engraçado, né? No meio do milho, da música e da canjica, eu redescubro o valor de traçar caminhos.

O Líder Inspirador

riu.

— A sabedoria mora nos lugares mais improváveis, Téo. Inclusive numa mesa cheia de quitutes juninos.

Ao sair da cafeteria, Téo sentia-se diferente. Talvez fosse o quentão, talvez a conversa — ou

os dois. Mas a certeza que levava dali era clara: se o ano voou até aqui, o que vinha pela frente precisava de mais intenção, mais propósito. Afinal, quem planta metas com clareza, colhe resultados com sentido.

CONTINHO

J CARLOS GROSSI

Tocou-me levemente o ombro. Mas não me virei, pressentindo haver uma história naquele toque que devesse ser esquecida.

Então senti um sopro perfumado nos cabelos e agora seria impossível evitá-lo.

Virei-me lentamente: a adorável Suzana e seu sorriso lindo.

-Olá! Há quanto tempo, Suzana!

-Sempre foi você, sussurrou-me.

Clarice, ao meu lado, espantou-se com meu cumprimento e perguntou: quem é?

Virei-me e respondi que era uma conhecida de há muito tempo.

- Mas não há ninguém, atrás de nós!
- Ah... pensei ter

visto uma mulher, a Suzana que conheci.

- Nunca me falou dela...

- Não havia por quê.

- Me diga! Não há segredos entre nós!

- Sei lá! Nem sei mais... Esqueça.

Novamente olhei e realmente não havia ninguém atrás de nós. Suzana desaparecera, mas estaria em mim para sempre.



CRÔNICAS DA MINHA GENTE SERENATA

IVAN

Onze horas da noite. A lua deve estar fazendo hora extra. A folhinha não convocara sua presença. Atrás da Igreja o grupo afina os instrumentos. A clarineta, de palheta nova, está um pouquinho baixa. Ou o trombone que está alto? O baixo está firme, falando grosso e macio. Violão é assim mesmo: se não está acostumado com o sereno, desafina.

— Dá um ré que o meu não está bom.

Foi só atravessar a rua e dar no Sobrado do Major Alphonsus Guarini. O casarão nem se mexeu. Sabia que a primeira valsa sempre era dele. Sobrado, como o do Major, não ri. Apenas aumentou seu beiral para proteger o bando-

lim e esticou a sacada, abrigando o baixo. Depois, fechou as janelas dos olhos, acomodando a cabeça do telhado nas mãos. Esperou pela primeira melodia.

— Primeira parte em ré; segunda, em dó.

Da clarineta do Elpidio, como uma nuvem gorda e calma, saiu “Triste Carnaval”. No compasso mais ligeiro o Tónico intercalava o trombone, entristecendo a valsa que ameaçava se alvoroçar. Em pleno acordo, tangendo notas cavas, os violões do Zelim e do Sérvulo, cadenciados, lamentavam muito compenetrados os transtornos desse malfadado Carnaval.

Zeca da Rocha soluçava no baixo como os apitos soturnos de um navio que desaparece

ao largo. Do lado oposto, choroso, mas firme, o bandolim do Abílio descreve a segunda parte da valsa, trêmulo, tiritando de angústia. Distribuindo melancolia sobre a melodia, acalentando, depositando um dó grave no agudo do bandolim, o bombardino do Hermínio completa o lamento lancinante da valsa. Pelas calhas, o Sobrado soluçava.

Sabe o que fez a lua? A lua — provou-se depois, não fazia hora extra, viera para a serenata — livrou-se das correntes da sua amada órbita e, muito mais forte que a lei da gravidade, rasgou ao meio uma nuvem abelhuda e desceu sobre o coreto, por não suportar a atração maior da serenata.

Sentou-se displicentemente num banco, mostrando alvas pernas. O céu tentou revoltar-se com a súbita escuridão: prometeu chuva, mas não cumpriu; os seresteiros mereciam consideração. Em agradecimento, o Sérvulo cantou:

— “Nunca mais um verso meu terá, nunca mais, oh, nunca mais...”

Subiram os músicos a Rua da Saudade, seguidos silenciosamente, como é de lei, pela lua que lhes iluminava o caminho. E, na bruma, foram se diluindo. A madrugada já era do galo e os companheiros do final da Rua aguardavam.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

O PAPAGAIO ARNALDO

Todo dia pela manhã ele caminha pela praça
Mas o papagaio Arnaldo o tenta atrapaalhar
Sua caminhada é com aquela papagaiada sem graça
Em seu ombro Arnaldo quer seu percurso mudar

Ao iniciar a caminhada a ave psitacédeos ou o papagaio
Engarupa em seu ombro e começa a papagaia
Amigo caminha pela sombra das árvores evite os raios
Solares que logo logo vão sua pele queimar

E o danado do Arnaldo continuava seu tagarelar
E o pobre do José Carlos tendo que lhe dar atenção
Caminhe pelo bonito jardim e tente as flores cheirar
Faz tanto bem à saúde e também ao coração

Já na terceira volta ele lhe oferece refrigerante
Comprado no mercadinho mas vou seguindo em frente
Na quarta lhe bica a orelha bem impertinente
Não leve adiante essa sua teimosia homem descrente

Já na quinta volta começam os despautérios
Amigo pensa que a sua saúde vai melhorar
Tome cuidado senão vai parar no cemitério
E nunca mais você vai aqui caminhar

E Arnaldo relincha - até quando vai a sua teimosia
Mas na sétima e última volta se cala para depois gritar
Conseguimos somos o máximo papagaia com euforia
Parabéns conseguimos as sete voltas terminar

E olha para o Arnaldo mandando sapos caçar
Só me atormentou enquanto eu caminhava
E ele me perseguindo tentando me atrapaalhar
E agora achando que me incentivava

E assim José Carlos descreveu a sua caminhada
Naquela praça de Monte Sião com o objetivo de iludir
Sua senilidade mas aquela ave papagaiada
Jamais o deixou de sua matinal caminhada desistir

(Leitura agradável com a crônica de José Carlos Grossi, publicada no Monte Sião, edição de outubro de 2024, no 628).

Arlindo Bellini

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 80

ISMAEL RIELI

Serra Negra, local raro!

Tem água, tem clima e o morro...

Por um lado tem Amparo

Por outro tem Socorro...

(Ildefonso de Paula)

X X X

Eu teria acertado a resposta à pergunta do show do milhão num

HOJE E ONTEM

Hoje acordei cheio de saudades
Com um outono dentro de mim
Espalhando doídas folhas
Caidas num chão de ontem...
Nomes de amigos e amores
Brotaram dentro do meu coração
Imagens que se foram ressurgiram
Replantadas no tempo...
Mas existe um silêncio misterioso
Que não revela mais nada
Como se fossem sombras passando...
A saudade é sempre um punhal afiado
Que corta nas profundezas da alma
E sangra lágrimas descoloridas...
As paisagens mudam para sempre
As primaveras ficam lá para trás
E as diferenças viram rugas e cicatrizes.

José Antonio Zechin

desses domingos: Onde morreu D. Pedro II?

Apresentaram 4 propostas: Portugal, Espanha, França ou Itália.

Sabia que ele morreu na França, em Paris. Só não sabia que vivia no Hotel Bedford onde morreu em 5/12/1891 aos 66 anos pouco tempo depois de deposto em 15 de novembro de 1889.

Em 1921, os restos mortais foram repatriados para o Brasil onde foram sepultados no mausoléu da Catedral São Pedro de Alcântara em Petrópolis. Pedro II deve ter sofrido muito com a deposição, pois era apaixonado pelo Brasil. Não se sabe se é verdade ou lenda que, exilado, Dom Pedro levou um saco de terra do Brasil e 2 potes com areia da praia de Copacabana para servir-lhe de travesseiro em sua mortalha.

Em visita ao museu do Ipiranga, num de seus filmes, o impagável Mazaroppi depարou com dois quadros. Um do grablo e esbelto Pedro I. E outro do

barbudo e circunspecto Pedro II. Está errado o barbudo mais velho é o pai, não o filho. O intelectual D. Pedro II era querido e respeitado na França, onde foi condecorado com o galhardão máximo, que muitas décadas depois um segundo brasileiro recebeu: o presidente Luis Inácio, recém contemplado com essa láurea.

X X X

Vitória de Pirro

Esta locução serve para caracterizar todas as vitórias custosas, alcançadas à custa de imenso sacrifício. Pirro, Rei do Épiro, conquistou a vitória sobre os romanos na batalha de Asculum, no ano 279 A.C, perdendo, porém a flor do seu exército no sangrento encontro. Teria, então, exclamado: "Com mais uma destas vitórias estarei perdido!".

X X X

Direita e Esquerda

Politicamente, direita e direitismo caracte-

terizam as posições ou partidos conservadores, que lutam pela manutenção do status quo, contra as reformas ou diminuição dos privilégios de que gozam os ricos, ao passo que esquerda e esquerdismo caracterizam precisamente a tendência oposta, isto é, a de natureza reformista, igualitária, inimiga do privilégio. Tais expressões tiveram origem na França, em cujo parlamento uma facção, - a de ces messieurs de la droite. - sentava-se à direita do presidente, ao passo que seus adversários, - ces messieurs de la gauche, - sentavam-se à esquerda.

X X X

Abotoar o Paletó

É o mesmo que morrer, esticar as canelas ou bater as botas. Locução carioca nascida da observação de que a roupa dos mortos é sempre cuidadosamente abotoada.

X X X

Alea Jacta Est

Palavras latinas que significam: o dado está lançado ou a sorte está lançada. Foram atribuídas por Suetônio (em Caesar, 32) a Julio César quando, no ano 49 A.C, resolveu atravessar o Rubicão, enfrentando Pompeu e o senado romano.

X X X

Alfa e Ômega

Literalmente, alfa é a primeira letra do alfabeto grego e ômega é a última. Em sentido figurado, a expressão alfa e ômega equivale ao princípio e o fim. Diz São João, no apocalipse, que Deus é alfa e ômega (isto é, o princípio e o fim) de todas as coisas.

X X X

Na missa - findava um ano.

Eu a vi suave e bela!
E quase que, por engano,

Eu fui rezar aos pés dela...

(Ildefonso de Paula)

NENHUM ANJO VAI ATENDER

JAIME GOTTARDELLO

No silêncio do quarto, apenas a fumaça do velho cachimbo preenche o ar. As paredes — envelhecidas, manchadas por um tempo que parecia pesar demais — o cercavam como se fossem algo ainda vivo. Ele estava cansado, mas não de um dia longo. Era um cansaço mais profundo, como se algo dentro dele estivesse se desfazendo em poeira.

Não queria ir até o espelho, mas foi. A imagem refletida parecia borrada, distante, se desfazendo como em um quadro de Salvador Dalí. Havia uma ausência, como se a essência tivesse ido embora, silenciosamente, numa noite qualquer. Talvez fosse porque havia lido Oscar Wilde. Ou Kafka. Quem sabe.

Sentou-se no chão. As palavras de uma prece esquecida tentaram sair, mas nenhuma fazia sentido. Foi então que pensou: nenhum anjo vai me atender. E talvez fosse verdade. Talvez os anjos estivessem ocupados com os

que ainda sabiam pedir ajuda direito. Ou talvez ele precisasse reaprender a ouvir, em vez de apenas esperar por respostas.

E então, sem entender bem o porquê, fechou os olhos e inspirou o doce perfume achocolatado da fumaça do cachimbo.

Demorou um tempo — talvez minutos, talvez uma eternidade —, mas no meio daquele silêncio algo se moveu. Não fora. Mas dentro.

Veio uma lembrança pequena, sutil, quase insignificante: uma gargalhada sua, antiga, num fim de tarde com cheiro de chuva e pão quente. Aquilo o atraía. Depois veio outra: o toque da mão da mãe quando era criança, o calor do abraço de um amigo, o gosto do café com leite que tomava sorrindo. As lembranças, tímidas no começo, começaram a se empilhar feito luzes que se acendem devagar num lugar escuro.

E então, pela primeira vez em muito tempo, chorou. Mas não era tristeza. Era reconhecimento. Era reencontro.

Levantou-se, olhou de novo no espelho — e podia jurar que algo já havia mudado. Ainda não era o brilho completo. Mas havia um começo. Um traço dele voltando. Um contorno. Um sinal.

Naquela manhã, abriu a janela. O mundo ainda era o mesmo — barulhento, confuso, imperfeito. Mas também havia cor. Uma criança riu na calçada. Um cão abanou o rabo ao vê-lo. O céu sem nuvens parecia disposto a lhe oferecer um outro dia.

E então, compreendeu: talvez os anjos não viessem com asas e harpas. Talvez eles apenas fossem a gargalhada que volta, o cheiro bom que permanece, a luz que entra mesmo que pela fresta minúscula.

Quem sabe ele mesmo fosse um deles, finalmente atendendo a si mesmo.

Ou talvez porque agora havia lido Kierkegaard. Ou Camus. Quem sabe.

E no espelho, reconhecia seu rosto.

Era ele. Era luz. Ainda estava ali.

FUNDAÇÃO CULTURAL "PASCOAL ANDRETA"

Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1984
Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004
Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/ DOU 15/02/2012
Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732
Rua da Saudade, 115 - Monte Sião - MG
CGC 17.414.632/0001-02

AA
FUNDAÇÃO CULTURAL
"PASCOAL ANDRETA"

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - 1ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2025

O Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta", Engº José Ayrton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos Fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e também o seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para realizarem a **PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do ano de 2025 a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às 18:00h (dezoito horas) do dia 07 de JULHO de 2025**, na residência do Presidente da Fundação, sito na Chácara Verana, no Bairro do Rio das Pedras, nesta comarca de Monte Sião-MG, com a presença do número mínimo de 50% de seus integrantes, mais um, razão que, se não auferido o quórum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito e trinta horas)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

- Leitura e aprovação da Ata da 2ª Assembleia Geral Ordinária de 2024;
- Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no ano de 2025, (Registro das atividades Culturais);
- Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do Plano de Trabalho de 2025 - Subvenção da Prefeitura; outros recursos e das contas privativas da Entidade; aporte de contribuições do empresariado e outras fontes de recursos.
- Tratar das doações recebidas em 2025, Receitas da Bilheteria e prestar contas sobre destinação dos recursos na manutenção do museu, demonstrar saldo financeiro e reserva atual. Tratar dos recursos administrativos financeiros da Gerencia Executiva.
- Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;
- Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;
- Agradecimento aos colaboradores
- Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente, que seja indicado para deliberação. (Palavra da Gerencia Executiva).

A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo somente requisito; a afixação do presente edital em sua sede, bem como a notificação pessoal, ou por carta simples aos interessados; meio estatutário de comprovação sobre a presente convocação e chamado, para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto aos que estejam interessados, estão aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam ausentes.

(*) Havendo procuradores legais, esses deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Secretário da Fundação, ou a sua ordem.

Monte Sião, 07 de 06 de 2025

JOSÉ AYRTON LABEGALINI
Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta"

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (PRAINHA)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automotobilístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

DOIS FANTASMAS COM MEDO DE MORRER

DANILO ZUCATO ROBERT

Havia dois fantasmas com medo da morte. Um morava na cidade grande, em um pequeno apartamento. O outro morava numa cidadela, num casarão enorme, herdado do pai, que havia herdado de seu pai, que também herdara de seu pai, imigrante.

O primeiro, em seu minúsculo apartamento, estava frequentemente com medo de morrer pelas mãos dos outros. Dessa forma, habitava um mundo à parte, contido, escondido, camuflado do outro, do alheio. Se ficasse em pé no centro do que chamava de lar, conseguia ver tudo ao seu redor. Nada lhe escapava da vista, tudo lhe era familiar. Nem sequer as rachaduras da parede poderiam estar fora de seu conhecimento. As aranhas, nos cantos das paredes, tinham cada qual seu nome. O barulho do vento em cada uma das janelas lhe era familiar. Assim, sabia se iria chover, e se era chuva leve ou tempestade. Sabia, pelo som dos encanamentos, onde doía

nas paredes. Sabia, pela claridade do chão, qual janela ou cortina deixava a luz externa entrar. E sempre decidia se ela era bem-vinda ou não. Muitas vezes, não, pois a luz poderia estragar seus móveis, paredes e chão, e ele sabia que luz queimava e transformava.

O outro fantasma, em seu enorme casarão cujos corredores sempre lhe pareciam diferentes, tinha medo de morrer pelas próprias mãos. Mas como pode isso ser? Ele tinha medo de morrer pelos próprios vícios, que sabia que lhe faziam mal às duas naturezas, física e metafísica. Este não conhecia todos os quartos e salas do casarão, e por hábito, vagava sempre pelos mesmos corredores e cômodos. Sabia que não conhecia um terço de seu lar, mas não vagava pelos lugares desconhecidos, mesmo tendo a noção de que podia estar perdendo lindas surpresas. Cada hora do dia era ocupada por hábito bom ou ruim, e mesmo sabendo que os hábitos ruins lhe faziam mal, ele não tinha a energia necessária para combatê-los. Dessa forma, seu cotidiano era ha-

bitado por entes alheios, silenciosos e agridoces: demônios angelicais.

Ambos os fantasmas estavam tão imersos em suas existências circulares que não conseguiam escapar delas. Não conseguiam, nem queriam. Mas o que eles não sabiam era que, apesar de se olharem no espelho e verem fantasmas, almas vagantes, espectros de possibilidades não apropriadas, caravelas encalhadas em praias quentes e confortáveis, o mundo ainda os via com olhos de quem enxerga vida.

O que os fazia ainda serem vistos assim pelos outros era a esperança. Esperança de mudança. Mas os fantasmas sabiam que mudança dói, e por isso, não era bem-vinda no apartamento, nem nos cômodos familiares da mansão. Por isso, eram já fantasmas, equações quebradas, soldados desertores de si mesmos. Era mais fácil manter-se assim, em seus hábitos incolores e fantasmagóricos, que abraçar a incerteza, a mudança, o diferente, o novo, pois isso demandava energia — coisa que fantasmas, por si só, não têm e nem o são.

JOÃO DO DAMIRO DA COTA

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

O filho do Damiro da Cota, o João Damiro, trabalhava de tratorista prum plantador de batata, lá nos Porfírios, bem nas dobradas do morro. Arava, gradeava, semeava e quando era colheita, vinha com o trator revirando as leiras de batata, atrás, vinha sua família e vizinhos, desta vez, todos emprenhados nesta tarefa de ensacar as batatas reviradas da terra. Ensacadas, bandeiras de sacas de batata, o João Damiro passava com o trator, recolhia tudo e levava ao barracão do dono, que ficava bem perto do barracão do Jaime Cientista. Todos os dias. E terminado a plantação de batata, vinha outra plantação.

Daí, o João pensou em comprar um trator. Comprar um trator, pensou!??...

Daí, vem um dia, desses bem rasgados do ruim, o sol, não sei por

que, aparece vestido num vermelho sangue, trêmulo sangue, quando o João subiu lá no alto do morro dos Porfírios, roça de batata toda linda, linda e no ponto de colheita, era uma manhã cedo, cedo de tudo que era fresco ar de limpo céu em sol... Subiu no trator, ligou, ligou o trator, ligou, e num arranque franco forte força que tinha o trator, deu um só pulo, o trator, e desce pinoteando ladeira abaixo, e parou tom-bado, lã na base, sobre o João Damiro...

Depois, depois, depois... chegaram os outros roceiros. Depois... veio socorro, depois, levaram o João pro hospital, estava bem machucado, uma perna inchada, roxa, partida... Daí, determinaram, teria de amputar a perna do João. E amputaram...

Isso tudo em um dia. Amputaram a perna do João Damiro!...

Daí, veio um drástico porém, que não terminou assim, desse jeito... que

contei. É que amputaram a perna errada. Mas isso é muito ruim, muito ruim. Como isso, Doutor? Como o João vai andar, agora? Como ele vai trabalhar com o trator?... (“...”)

Ele vai ficar bom, a perna em exposta fratura pelo tombo do trator melhorou muito, não precisa mais ser amputada. Está só um pouco traumatizada, mas vai ajudar ele a se locomover; de vagar, mas vai... E sem traumas, hein: sem traumas!

“1 – Mas, Doutor??? 2 – Mas, Doutor??? 3 – Mas, Doutor??? 4 1..., 2..., ∞...???!”

Ele vai ficar bom, é forte como um touro.

E o João Damiro saiu do hospital, mas nunca mais pode trabalhar, muito menos com um trator.

E o batateiro dos Porfírios mudou-se lá pro Oratório, onde a terra ondula mansa.

As Terras de Cantare são sempre muito montanhosas.

REY QUEXOTO – “NILTON E NEWTON”

DURVAL TAVARES

Eita vida marvada, corrida, na velocidade dos ponteiros de um relógio: “Reloj, no marques las horas/ porque voy a enloquecer..... escreveu Roberto Cantoral”. Tropecei, derrapei no tempo, mas não caí e consegui terminar um texto. Noutro contexto, enquanto Parmiro e Ema estavam em

Monte Sião ou Ouro Fino, quexotinho não conseguiu o necessário equilíbrio. Seu time de futebol perdeu outra vez e ele, ao ouvir o grito de “freguês, freguês, freguês”, não se conteve nem se deteve, não contou até dez como lhe tinham recomendado na época em que aceitou o desafio de mergulhar no Rio Tamanduá. Certamente o menino andava zozzo

longe do nono e da nona há uma semana. Nem bem contou até três, alucinado saiu em desabalada carreira só para não ouvir aquela zoeira. Sua velocidade era “v = 3m/s” ou o equivalente a 10km/h. Pior quando aplicou à essa velocidade uma aceleração “alfa (α) ou beta (β)” e, nem precisa ser profeta para perceber que logo se descontrolaria e certamente cairia no mato ou num monte de alfafa. Correu em linha reta até que, depois de 50 metros, se viu em maus lençóis num ponto onde a curva, uma parábola na verdade, derivava à esquerda. De repente não teve outra escolha a não ser sair pela tangente, frente à frente a um punhado de gente. Isso não foi lá muito inteligente para sua integração em função de ter demonstrado publicamente que cometera um erro de cálculo. Nem piloto de Fórmula 1 entra numa curva daquelas sem reduzir bem a velocidade. Melhor decisão seria ter freado ou melhor pensado que, por causa de um simples jogo, certo ou errado, não poderia se sentir envergonhado. No jogo, assim como na vida, em situação similar àquela ou em bola dividida, nem sempre se vence e, quan-

do se vence, nem sempre convence. Se ele tivesse verificado, observado o somatório de eventos de que já tinha participado desde o mergulho fracassado nas águas do rio, perceberia que em grande parte deles levou revés e nem por isso se desesperou como ocorreu naquele fatídico dia. O certo é que sua corrida numa velocidade “v” cresceu em forma exponencial com a aceleração “α” em razão da banguela em que se encontrava, atingiu um ritmo alucinante, e aí deu no que deu. O menino, descontrolado, permaneceu em movimento acelerado (quando a velocidade de um corpo aumenta a cada segundo, com aceleração positiva = pé na tábua), mas deveria ter entrado num movimento retardado (quando a velocidade do móvel diminui a cada segundo, com aceleração negativa = pé no breque). Passou do limite e não dominou a curva logo à sua frente. Sair pela tangente é bem comum em nossos dias. Pessoas evitam dar suas opiniões ou, pior, tomar decisões, em situações polêmicas, complicadas e, com ou sem desculpas esfarrapadas, esquivam-se para evitar derrapadas, o que nem sempre é a melhor saída.

Pois é, quexotinho, sem potência, sem paciência, assim saiu, deslizou na grama verde e foi parar dentro de um corguinho cheio de pedras, espinhos e muita lama. Sua situação só não ficou pior porque as pessoas que estavam por perto logo o levaram ao único P.S. da região. Naquela oportunidade sentiu que existem pessoas com bom coração, além, lógico, do seu herói, o Ricardo Coração de Leão. Comeu a grama pela raiz, experimentou da lama que o diabo amassou. Rolou como um cilindro e despencou o barranco com a força “g” da gravidade aumentada pela aceleração “α” de sua velocidade “v”. Foi fundo, num corgo com três metros de fundura. Subiu graças à força do empuxo e, no meio de tantos outros, da força de um senhor de meia idade, Seu Andrade, conhecido na cidade, que dizia: deixa que eu o puxo. Sorte que o homem era forte e segurou o menino como a um garrote, porque, enlameado, rã ficou liso “que nem” quiabo. Salvo novamente! Os nonos nem foram avisados dessa nova travessura para que não saíssem em desespero de onde quer que estivessem. Enquanto estava no hospital, rã recebeu do

Dr. Nilton alguns bons conselhos que poderiam ajudá-lo em situações similares. Il dottore pediu ao menino que refletisse sobre as leis/ princípios de seu antigo xará, o Dr. Newton (1643-1727). Falou algo que o menino não entendeu, mas era mais ou menos assim: princípio da inércia estabelece que um corpo continuará em movimento contínuo (ou parado) caso não haja a ação de forças sobre ele; princípio fundamental da dinâmica determina que a força resultante sobre um corpo equivale ao produto da massa do corpo pela sua aceleração; princípio da ação e reação estabelece que toda força de ação atuante em um corpo possui uma força de reação agindo de forma contrária a ela. Esse doutor Nilton foi muito longe com isso. Quexotinho ouviu tudo um tanto aflito. Saiu curado e sem entender bulhufas do que o Nilton lhe dissera sobre o Newton. Quem sabe um dia aprenderia alguma coisa sobre isso tudo, mas era pequeno demais e entendia ser um insulto ter que pensar em “coisas” de adulto. Melhor não contar pra ninguém. Entrou mudo e, envergonhado, saiu calado. Ciao.

LUA MINGUANTE

Tudo estava pronto em meu peito e você... não veio

Falas revestidas de poesia versos dedilhados ao violão rimas ritmando em romaria todos os anseios da paixão e você... não veio

Até a flor colhida fresca para seu enfeite enfeitou sem jeito minha solidão pois você... não veio

E a lua cheia palco iluminado para nossos beijos minguiu-se triste porque você... não veio

Popo de Sião

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

ODE A NÊNIA

LUCAS
PROVENZANO

Início o presente texto alertando os nobres leitoras e leitores que este escrito guarda, para mim, particularidade digna de apontamento: está imbuído de elementos pessoais, pois dedicá-lo-ei à memória de minha “vó Bi”, falecida há um ano, em junho de 2024, tendo ela tido impactos decisivos e incontornáveis em minha vida, e pretendo elaborar essa dedicatória por meio de livros acerca dos quais não tive tempo de com ela conversar a respeito. Leituras coincidentemente, ou nem tanto, realizadas por mim após o seu passamento, faço-o em virtude do regozijo e avidez pela leitura com o qual sempre conviveu, algo que buscou

me legar desde quando eu possuía tenra idade.

Conversaria sobre “O Livro Branco” de Han Kang, nele, a Nobel de Literatura de 2024 (primeira mulher asiática laureada na categoria), retrata com profundo lirismo, impressões e pensamentos sobre a irmã jamais conhecida, tendo partido instantes após o nascimento. Valendo-se de todo cromatismo possível ao branco, cor usualmente atrelada ao luto na Ásia, a autora nos convida a uma filosofia sensível e densa atinente às dores de não ter conhecido alguém, a quem Kang nos apresenta de maneira incredivelmente íntima e próxima.

Também debateria “É a Ales”, do Nobel norueguês Jon Fosse, e o luto diante do absurdo caótico. Não é

de intento despiendo o autor nos circundar com fiordes, em uma minúscula embarcação disposta a enfrentar todas as vicissitudes do gélido oceano, enquanto outra personagem espera, aguarda pelo retorno do primeiro. Assim como brilhantemente executado recentemente no cinema em “Ainda Estou Aqui”, na obra de Fosse, a incerteza e a ausência se fundem em um casamento angustiante, formador de uma falta que funciona como personagem, acerca da qual nada de peremptório pode ser afirmado.

Enfatizaria o quanto agora sou capaz de endossar, em essência, o trecho de Chimamanda Ngozi Adichie, em seu “Notas Sobre o Luto”: “A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do

mundo que conheço desde a infância”. Isso porque, ao contrário do elucubrado pelo mestre José Saramago, as intermitências não são as da morte, mas as da vida; com a notícia da morte de um ente querido, somos catapultados a esse breve momento no qual as coisas ficam em suspensão, para depois de serem permeadas por essa nova e visceral realidade, passar o tempo a transcorrer de maneira perpetuamente distinta.

Por fim, eu explicaria a razão para o título deste texto. Muito antes do impulso concernente ao Direito que minha avó me causou, tendo sido Delegada da Polícia Civil e Promotora de Justiça no Mato Grosso do Sul, ela, como historiadora de formação, compartilhou comigo o

amor pela Antiguidade, em especial, pelas narrativas míticas e por suas capacidades em exprimirem os valores e pensamentos de diversas civilizações de maneira singular, algo muito afluído pelo primeiro livro com o qual me presenteou, “O Livro de Ouro da Mitologia”, de Thomas Bulfinch, quando eu contava com menos de dez anos. Tema magno e colossal para mim, robustecido posteriormente por Paul Vejne; J. R. R. Tolkien; Mircea Eliade; Joseph Campbell, entre tantos outros. Assim, a deusa fúnebre da Roma Antiga, Nênia, empresta seu nome como forma de singelo tributo ao impacto da mitologia em minha vida. Entretanto, a parte mais valiosa concerne à escolha de uma ode, não uma

elegia ou um réquiem, e a referência à alegria vem de tê-la conhecido, de ter tido esse galardão, o de com ela conviver e por ela ter sido tão grandemente impactado e influenciado, algo exultar.

Destarte, um ano depois, percebo a intensidade e o peso do coração enlutado, mas acima disso, agradeço por tanto. “Memento mori”, no entanto, enquanto vivermos, desejo a todos a oportunidade de, mesmo que por um átimo, experienciarmos algo tão sublime quanto pude conhecer, pois ao invés da desconhecida em Kang ou da incerteza na ausência em Fosse, tenho convicção do quanto fui afortunado na presença de ser humano ímpar, mulher de conhecimentos e bravura titânicos. “In memoriam”.

FANTASMAS

à noite
deita-se comigo
meu fantasma
preferido

e sonhamos
acordados
sonhos
esquecidos

de manhã
senta-se à mesa
inventa histórias
divertidas

mas a imagem
no espelho é
de um fantasma
esquisito



kuaia

É ESTA BOCA UM SILÊNCIO MACULADO

MATHEUS ZUCATO

Agora reconheço o poder do chão de cimento. Tendo-o beijado, deixei minhas marcas de sangue indelévels em sua indiferença. Quanta dor vem do solo opaco, quantos gritos quis que eu carregasse na boca, quanta ausência de quietude em suas costas pisadas, sobrepostas, enrijecidas. Desconheço minha língua abandonada entre os passos deixados para trás, marcados no solo morto salgado por lágrimas muitas, muitas. Mergulho em seus olhos e nada recebo em retribuição. Nem a minha alma quis levar; a ofereci por duas ou três moedas mais o seu encantamento todo, mais o seu deslumbramento, a sua história e o seu

olhar. Nem a melhor parte de mim ele, o solo, quis levar, inquebrável socado de afagos sem perdão. Nem a menor parte de mim quis arar.

Quis me unir e fui feito matéria impoluta. As suas tempestades não se diluíram em meu mar de acalanto. Há anos que navego resolutivo na direção do fim do mundo, na borda onde o mar se transforma em ar, onde os monstros mais terríveis habitam um nada, sem ter nem para onde olhar, pois tudo é um soporo vazio de nós. Impune, não quer de mim nem o passo leve, nas a irrigação de vida, nem o meu corpo inerte a lhe restituir uma esperança. Vejo o que sou pelo gosto de cimento dos seus lábios crus. Sinto-me invadido, infectado, e os

grãos de meu espírito endurecem feito concreto. Meu coração que era de ferro se enferrujou de tanta água que por ele passou. É assim com a água do mar, as pitadas de sal nos olhos, a brisa da agonia, o fim do caminho.

São assim os grandes marcos da memória: nada há em mim que não tenha antes me ferido: nem a felicidade, esta estação repentina, nem a contemplação do belo, que nos faz morrer um pouco para o mundo, nem o êxtase do amor, já em cinzas entristecidas. Pois nossa época não suporta mais fogueiras reais. É essa a minha dor, o meu ódio manifesto, as minhas súplicas lacrimogêntes, o meu olhar a atravessar o cinza poeirento do seu.

Eu diria com gosto que me foi um prazer deixar os meus lábios em abandono, mas estou também sem língua que pronuncie palavra. Estou com os dentes ensanguentados, macerados de devassidão; estou sem brilho para dar espaço à criação. Corro em círculos e vejo minha língua tomar a forma de um escorpião ferido, o veneno apontado para todos os inimigos do mundo. Meu rosto se desfaz, meus olhos estão pendurados no varal, minha pele se foi para os muitos ventos do norte e do sul. Restam-me apenas os ossos, estes imaculados, níveos, a suportar um conteúdo que pulsa na espera de que ao menos as feras da terra saciem a sua fome cheia do mais profundo abismo da alma.

BOAS LEMBRANÇAS DA ARQUEÓLOGA NIÈDE GUIDON

VALDO RESENDE

Dessas coisas da vida, lá pelos idos de 1992 fui parar no Piauí. Conheci o Estado, o município de São Raimundo Nonato e o Parque Nacional da Serra da Capivara. Uma fase de boas lembranças que registro em homenagem à arqueóloga Niède Guidon, falecida em 4 de junho.

Ainda na estrada o destino tratou de avisar que seria uma viagem cheia de aventuras. Após descer em Petrolina, PE, tomamos rumo de São Raimundo. Logo que entramos no Piauí o semiárido ficou nítido com a paisagem da Caatinga, seca, com todas as nuances cromáticas da terra e com sua vegetação que nos faz entender os motivos pelos quais boiadeiros e cangaceiros se vestem com couro, mesmo com o altíssimo calor. Há muitos espinhos e a gente fica pensando como atravessavam aquilo, perseguindo ou sendo perseguidos.

A estrada, praticamente deserta, deixa animais à vontade. Um incauto bode foi atropelado pelo carro que nos conduzia que, brechando, poupou o animal, mas teve o motor avariado. Foram 50 minutos para surgir o primeiro vivente, em sentido contrário, que prometeu-nos pedir socorro à frente. Apareceu uma camionete com o mesmo destino que nós e o condutor, gentil, deu-nos

carona. Cristiane Bucu e eu, sentados entre o motorista e um boião de gás. O cheiro do combustível era assustador, agravando-se pelo fato de que o simpático motorista fumava um cigarro atrás do outro. Como este texto testemunha, sobrevivemos.

Convidados pelo Instituto de Artes da UNESP, Cristiane Bucu e eu recebemos a missão de elaborar um diagnóstico sobre a realidade de São Raimundo Nonato e, em especial, o Parque Nacional da Serra da Capivara. Um convite da doutora Niède Guidon.

No dia seguinte fizemos nossa primeira visita aos sítios arqueológicos. Onze! Pinturas rupestres são grafismos deixados por nossos ancestrais que viveram por lá há quatro, seis mil anos e um pouco mais. O clima favoreceu a permanência dessas manifestações por tanto tempo. Caminhando de um sítio para outro, na maioria das vezes à pé, há sinais de cobras, rastros de onças e um calor seco que faz com que nos horários de pico as pessoas fiquem paradinhas em uma sombra aguardando a temperatura amainar.

Ao voltarmos no final da tarde uma surpresa desagradável. A energia elétrica tinha ido embora. Sem ela, é impossível as bombas trazerem água dos poços. Quando Cris Bucu perguntou ao rapaz do hotel se ele havia telefonado para

a empresa responsável ouviu como resposta: “daqui a pouco o telefone cai!”. O rapaz sabia onde estava. Logo estávamos sem contato com o mundo. Do hotel voltamos à Fundação Museu do Homem Americano para encontrar Niède e ver o que era possível fazer.

Assim encontramos a doutora: No quintal havia uma enorme coluna sustentando uma caixa d'água. Nos últimos degraus de uma escada de madeira estava Niède Guidon despejando água sanitária no reservatório enquanto praguejava em altos brados. “Fui até a empresa de energia elétrica para saber se o responsável já havia tomado providências e ele saiu para comprar uma lamparina! Dá vontade de pegar meu trator e derrubar aquilo tudo!”.

Outra expedição, voltávamos de outro setor do parque quando a Doutora parou ao ver uma mãe carregando uma criança já grandinha no colo. Faltavam cerca de 60 quilômetros para chegar à cidade. A mulher carregava o filho doente para o hospital. Niède, solícita: “Venha, te levo” e, dirigindo-se a nós, “aqui todo mundo dá carona”. A estrada pouquíssimo movimentada, a mãe determinada poderia fazer o longo percurso à pé. No sábado seguinte, em condições similares encontramos dois rapazes. Estavam indo para o forró de final de se-

mana.

Anos depois voltei ao Piauí. Maravilhas do nosso país, ganhei um afilhado e fui para o batizado. Na véspera, saí para passear com minha comadre. Uma estrada difícil, nos deparamos um lodaçal de chuva recente, impossível prosseguir sem atravessá-lo. Chegamos a uma aventura, encaramos a tarefa, mas já deixando claro um ao outro que, caso o veículo atolasse, uma velha Kombi, estaríamos presos e encrocados. Atolamos.

Já estávamos próximos do final da tarde, rindo e ao mesmo tempo tensos pois o lamaçal nos ameaçava algumas mazelas e a noite se aproximava. Um garoto passou por nós, de bicicleta. “Peça socorro, por favor!”. A solidariedade local é imensa. Logo vimos um jipe se aproximando e minha comadre segurando o riso. “É a Niède, compadre”. O veículo da doutora tinha tração nas quatro rodas, mas não um cabo para puxar o atolado. Sem pestanejar, uma das arqueólogas mais importantes do mundo entrou com o jipe no lodaçal, encostou-o ao lado da perua em que estávamos e, calçada com botas de cano longo entrou na poça e ajudou-nos a atravessar, limpos e seguros, para em seguida deixar-nos em casa, secos e salvos.

Niède Guidon foi grande arqueóloga. Guardarei a lembrança da mulher de-

terminada lutando pelo Parque, generosa para com os habitantes e todos os conhecidos, não medindo esforços para até tirar gente atolada em poça d'água. Era uma mulher instigante. Uma es-

tudiosa ímpar! Com essas lembranças me despeço da Niède que nos deixou todo um parque, e uma pesquisa com uma incalculável riqueza histórica. Que descanse em paz.

O CHORO DA ÁRVORE

Foram para tantos lugares...

A velha árvore resiste.

Além do outono,

ela deve chorar também

nas outras estações

(Antonio Roberto De Paula)

Este pasto plano, por um tempo no passado foi o campo de futebol da Família Labegalini, no Bairro do Bengaline, em Jacutinga, bem próximo da divisa com Monte Sião. Ao fundo está o vestiário, a porta da esquerda é do time dos Labegalini e da direita do time visitante. 20 de março de 2025, fim do verão e início do outono.

(José Ayrton Labegalini)



JMS ENTREVISTA

Neste espaço, o Jornal Monte Sião (JMS), com o intuito de aproximar os nossos leitores dos concursos culturais que acontecem em nossa cidade, trará breves entrevistas com os vencedores de cada edição de cada concurso, a saber: o de poesia, o de fotografia e o de contos.

Entrevista com Neno Moura, vencedor do II Concurso “Ivan Mariano Silva” de Contos (2024).

1) O que inspirou você a escrever esse conto? Houve alguma experiência pessoal ou

referência literária que influenciou a história?

O que serviu de inspiração para a escrita desse conto foi a frase que abre ele: o homem deitado não fez alarde. Essa frase me surgiu e imediatamente eu imaginei a cena de alguém que tira o paletó e deita tranquilamente na calçada. Essa cena, aparentemente sem motivo, acaba gerando estranhamento nas pessoas que passam. Algumas se sentem autorizadas até a agredi-lo fisicamente. É como se esse ato tão simples eliminasse qualquer respeitabilidade que essa pessoa pudesse

ter. Ao mesmo tempo, o fato de ser alguém bem vestido que deita é o que gera toda a confusão ao redor. Muito diferente do que acontece o tempo todo no Brasil, onde pessoas deitadas em calçadas são invisíveis. Como narrativa, pode ser que tenha um pouco da influência de Rubem Braga, autor que li bastante, que tem crônicas primorosas que podem ser lidas como conto e vice-versa.

2) Como foi o seu processo de escrita? Você já tinha a ideia completa antes de começar ou a história foi tomando forma conforme escrevia?

Como eu disse, o que despertou a fagulha da escrita foi a primeira frase e essa imagem do homem se deitando. A partir daí, a ideia se desenvolveu e foi como puxar um fio em que a história foi se desenrolando junto com as palavras.

3) Para você, o que faz um bom conto? Você esperava conquistar o primeiro lugar do Concurso “Ivan Mariano Silva” com o “O Homem Deitado”?

Sempre me lembro da diferença que Júlio Cortázar estabelece entre conto e romance, comparando-os a uma luta de boxe. Segundo ele, o romance vence o leitor por pontos, enquanto o conto vence por nocaute. Certos contos dão mesmo a impressão de que nos nocautearam. Para mim, o que faz um bom conto é a sensação que fica depois que a gente lê. Um certo desconforto, uma certa inquietação, uma sensação de que a história não acabou ali. Eu sinceramente não esperava o primeiro lugar. Foi uma grata surpresa.

4) Você tem autores, contos e/ou livros preferidos?

Difícil dizer, porque são muitos, e vão mudando de tempos em tempos. Mas tem alguns a quem volto de vez em quando, como estudo, inspiração, ou simplesmente para ter de novo aquela sensação de arrebatamento da primeira vez, e eles nunca falham a cada nova leitura. Gosto muito dos contos do Cortázar, Roberto Bolaño, Stephan Zweig, Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector e, claro, Machado de Assis. Alguns contos que me arrebataram: “Continuidade dos parques” e “Os amigos”, do Cortázar; “O Olho Silva”, do Bolaño; “Retratos”, do Caio; “Uma galinha”, da Clarice, “A cartomante” e “A causa secreta”, do Machado.

5) Sobre o futuro: Depois da conquista de 2024, quais serão seus próximos projetos na escrita?

Continuar a escrever. Ter os sentidos atentos para não perder uma ideia ou uma palavra que queira ser escrita. Estou preparando a publicação do meu primeiro livro, um livro de poemas chamado “Vida, tudo sonho”, que sairá ainda no primeiro semestre pela Editora Insular, de Florianópolis. E depois, quem sabe um livro de contos? Tenho contos para um livro. A escrita é um processo solitário e muito particular. Esse tipo de iniciativa é muito importante para quem escreve não profissionalmente, porque nos dá segurança para acreditar que nossos textos podem ter força suficiente para encontrar leitores. E não estou falando só de quem ganhou ou foi finalista. Tenho certeza de que muitos textos bons ficaram de fora e de que há leitores para se identificar com eles.

MICROCONTOS

PAULO FRANCO

Qual a diferença entre contos, minicontos e microcontos? Todos são, na essência, contos. O que os difere, é o tamanho. O conto sempre existiu nas três formas, muitas vezes inseridos nas narrativas dos grandes escritores, sobretudo quando pensamos em minicontos e microcontos.

Nos últimos anos, mais especificamente na pandemia, o microconto ganhou força na internet. As imagens, os textos curtos são os preferidos, principalmente pelos jovens e aí o microconto cai como uma luva. Com três ou quatro frases, você tem uma história e a subjetividade da narração, as nuances e as possibilidades que antes só cabiam ao autor, fica agora nas mãos do leitor. A ele cabe somente preencher as lacunas, da forma que a sua imaginação assim permitir.

Do genial: - “Uma vida inteira pela frente. O tiro veio de trás.” de Cintia Moscavich ao inquietante: “E agora, eu e você”, disse, sacando o punhal, na sala de espelhos.” de Flavio Carneiro e o instigante: “Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá” de Augusto Monterroso, o microconto é terreno fértil pra essa geração que consome internet de uma forma tão rápida e ao mesmo tempo tão efêmera. Espero e me cabe torcer para que essas pílulas de literatura despertem voos maiores. Dito isto, só me resta entrar na brincadeira e deixar aqui alguns exercícios pra me inserir nesses novos contextos:

Convergência

Um atravessa a rua no melhor estilo Abbey Road. Nas mãos, um balão verme-

lho e um urso de pelúcia.

Apos espancar a mulher por um batom vermelho, outro avança com a moto.

Os dois, caídos no asfalto, olham o balão vermelho que sobe, antes de fechar os olhos, um deles, para sempre.

Fotografias

Fechou o livro e, olhando à sua volta, se perguntou em que momento ela tinha se perdido daquela felicidade estampada nos porta-retratos espalhados pela sala.

Feliz aniversário

Toda a família estava presente na comemoração dos 90 anos de Dona Rosinha, achando que seria a última. Alguns não estavam presentes na festa de 100 anos da matriarca.

Koyaanisqatsi

Eram quatro adolescentes.

Dois namorando na calçada, dois numa moto.

Uma selfie, um tiro e uma vida interrompida.

Balada

Quando acordou, a cama era estranha, o quarto era estranho e a pessoa que dormia ao seu lado era estranha.

Maktub

Foi o encontro de duas mãos deslizando para pegar o mesmo livro na estante de uma livraria. Um café, muita conversa. Um filme, o beijo e aquela música. Tomaram para si a máxima do poeta: “que seja eterno enquanto dure”. Assim foi.

Quimera

Aos 17 anos ela sonhava com casamento. Veio a rotina e muitas traições depois, ela achou que seria melhor ter escolhido Paris.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (in memorian), Ivan Mariano Silva (in memorian), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (in memorian), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral (in memorian), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

L. A. GENGHINI

Itália! Oh! Bella Itália! Tão bela, de gente tão sofrida e bonita, de muitas tradições, das artes, da poesia, da música e da boa cozinha. Andar pela Itália é “pisar” sobre a história e ter vontade de voltar, ainda estando lá.

Pessoalmente, eu estive por lá duas vezes. Conheci parentes, visitei cidades, vivenciei momentos que repetirei sempre que puder. Aliás, nós descendentes, posso dizer, guardamos mais as tradições italianas do que os próprios, a não ser os mais antigos. Culturalmente a Itália foi invadida no pós-guerra e aos poucos foi perdendo as características tradicionais e incorporando elementos culturais vindos de outros rincões. Mas, a Itália continua lá e será sempre BELLA.

A Itália. A Itália de nossos tempos parece meio perdida no turbilhão de ideologias e de mudanças que vão sendo impostas cotidianamente, transformando o italiano num povo mais frio e distante, longe daquilo que fomos os nonni que conhecemos. Tamanho é o estrago que,

recentemente, a Itália vem restringindo, estupidamente, o direito à cidadania aos milhares de descendentes espalhados pelo mundo, especialmente o Brasil, discriminando-nos como se ao buscar a cidadania fôssemos precisar dos favores deles. A cidadania, na maioria dos casos, decorre da nossa identificação com a nossa origem e do orgulho de ter as “raízes na Itália”.

Até as pessoas, os italianos, com quem a gente pouco interage quando em viagem têm a visão míope de que a cidadania para os Oriundi iria prejudicá-los. Estão profundamente enganados ao mesmo tempo em que estão dispensando o único caminho viável para a preservação e guarda da cultura, do modo de vida, do romantismo que espalham pelo mundo e que ainda pode ser resgatado. Estão, literalmente, desprezando os Oriundi, enquanto as cidades italianas vão sendo tomadas por estrangeiros, indianos, bangladeshes, paquistaneses, ciganos, armênios, muçulmanos, africanos, etc. e tal. Estamos vivendo a época da “tempestade perfeita” que irá destruir a Itália para

surgir um país sem vínculo de nacionalidade.

Itália? Há um filme espetacular de 1951, estrelado por Robert Taylor e grande elenco, baseado no livro de mesmo nome, de autoria do polonês Henryk Sienkiewicz, intitulado QUO VADIS que narra o ocaso do império romano. Diante da atualidade é até viável perguntar “Quo vadis, Itália?” porque o país/nação vem perdendo a identidade ao ser invadida por milhares de “refugiados” e de “expatriados” que ao chegarem não abraçam a cultura italiana, apenas usam a Itália para se estabelecerem ao passo que mantêm seus hábitos, seus costumes e suas leis ancestrais, enquanto ignoram as Leis e os costumes italianos.

Recentemente, ouvi um desabafo de uma italiana no sentido de que nos bairros ou guetos desses estrangeiros nem a polícia tem acesso. Dramático! Quo vadis, Itália? Há algum tempo, ainda neste ano, recebi de nosso primo Flavio Genghini, de San Vito, Rimini, It, e li atentamente, uma excelente dissertação elaborada por Enrico Pugliesi e Mattia Vitiello, intitulada “Stória Sociale dell’Emigrazione Italiana- Dall’Unità (1861) a Oggi”. Publicado por Il Mulino – Le vie della civiltà, 2024.

Além da apreciação sociológica da emigração italiana, os autores dedicam partes dos últimos capítulos para registrar e manifestar suas preocupações atuais, pois há um quadro complexo, visto que, enquanto a Itália é invadida por massas de imigrantes (conforme já mencionamos) os jovens italianos concluem seus estudos e migram ao exterior, principalmente a Europa, ficando para trás, aparentemente, os idosos e os menos preparados.

De nossa exposição infere-se que resta um povo, um país e uma nação em franco processo de definhamento ao mesmo tempo em que os legisladores e os políticos italianos preferem mirar suas bazucas nos Oriundi espalhados pelo mundo, negando-lhes o sagrado direito (*jus sanguinis*) à cidadania.

Quo vadis, Itália? Para onde vais, Itália?

Até qualquer hora, pessoal!

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

QUANTO TEMPO...

UGO LABEGALINI

Dando folga ao Fe-Nem, numa das noites mal dormidas comecei a recordar o meu tempo de criança de Grupo Escolar. Bem de madrugada meu pai arriava a mula de nome Moeda e saía à compra de aves e ovos pelo município. Na boca da noite retornava com os jacás no lombo do animal cheios de ovos e penosas que eram transportadas semanalmente para São Paulo. Nem bem amanhcia o dia a mãe entrava no quarto avisando que era hora da escola. Lavava a cara na vasca, xixisava na latrina no fundo do quintal e voltava ao quarto de dormir para vestir o uniforme azul e branco. Sentava-se na taipa do fogão esperando a mãe passar o café no coador de pano, embutido

no moleque de três pernas. Sobre a mesa de tábuas largas a polenta do dia anterior, brostulada na gradela entre as brasas, pronta para fazer companhia ao café com leite. De barriga cheia, juntava a bolsa de madeira fininha, marca Jaú, com cadernos e livros, e partia para a aula do 1º ano da dona Isde. O grupo escolar era na esquina da então Praça Governador Benedito Valadares. Chegava da aula, encontrava a mãe surrando as roupas no navelo, amarrado num pau fincado nas águas alvas do ribeirão. Uma polentona fresquinha já feita, esparramada no tavelo redondo e três palmos de linha fina para cortá-la em fatias sem desbeijar. A polenta, quando cortada a faca, mesmo não sendo cega, enrugava toda a casca. Ao lado, uma tigela grande,

cheia de alface temperada com limão e mais um prato com radichio bem repicado completavam a gostosura. Empanturrado pela boa comida, eu cangava meu bode obediente chamado Boneco. Numa carrocinha juntava os garrafões de casa, outros dos vizinhos e partia pela trilha cheia de mato até a Virtuosa, buscar água. As vasilhas da vizinhança me rendiam alguns réis que serviam para ajudar na casa. Assim o dia se escoava. De tardezinha, a gente costumava rodear o poste de madeira lavrado a machado, fincado rente ao ribeirão, sustentando uma placa: PONTO DE ENGRAXAR CARROS. Em seu pé, um pequeno brejo formado pelas águas que escorriam a céu aberto vindas das casas, juntava uma infinidade de borboletas

multicoloridas que encantavam a todos. Algumas pareciam ter sido pintadas pelas mãos divinas. Quando vinha a lua esparramando claridade, chegavam os besouros ao ponto de encontro para rodear a lâmpada cor de tomate. Devido à quantidade, uns se chocavam aos outros e vinham abaixo. Tantas vezes fiquei ali observando aqueles que caíam e ficavam de pernas para cima. Pacientemente, eu desvirava um a um para que levantassem voo novamente. Assim passava o tempo esperando pela molecada, porque já era hora de brincar de caxuleta, barra-manteiga, pular-cela ou pega-pega. Lá pelas 9 da noite, a mãe aparecia na porta, ditando:

-Tudo bem, agora chega, banho bem tomado e cama.

-Bença pai, bença mãe...

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Junho de 2025

Nº 636

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Julho de 2025

Dia 01
João Mariano Martins
Nádia Valeska de Queirós
Ismael Samuel dos Santos
Claudiméia Schiavon Teles
Cristiano Corsi

Júlia Silvério Labegalini
Dia 02
Ana Maria F. Righetto
Júlia Labegalini Nicioli
Benedito Aparecido da Silva
Dia 03

Soraya Bernardi
Beatriz Glória Comune
Rafael Roberto G. de Faria
Mário Roberto Vilas Boas
Dia 04

Eduardo Labegalini
Aparecido Costa
Neliton Labegalini
Dia 05
Eder Zucato
Gustavo Righeti
Aparecido Gomes Filho
Dia 06

Luciana Ferreira Godói
Ariadna Luana de Oliveira
Ivone T. Comune da Costa
Antonio José de Paula
Dia 07

José Raimundo Fernandes
Josmar Beltrami
Márcio Antonio Diniz
Marina de Fátima Barbosa Virgílio
Viviane Guiraldelo
Dia 08

Inês Machado Fávero
Francisco Carlos de Faria
Maurício G. da Silva
Dia 10

Isabela Cristina Pennacchi
Cyntia Labegalini
Ronaldo Sebastião Virgílio Jr.
Fernando Costa Trindade
Danilo Labegalini
Clayton Donizete Gâmbaro
Dia 11

Alexandre R. de Oliveira
Leandro Righeti S. Bueno
Antonio Carlos Pennacchi
Tiago Caroli
Mariana Bernardi
José Roberto Pereira
Filipe Bernardi Milan
Dia 12

Benedita da Silva Zucato
Rildo Gomes da Silva
Dia 13
Carlos Henrique de Souza
Marcos Volpini
Meire Márcia Marcellino
Dia 14

Pierre de Lima
Maria Ap. Coutinho Souza
Henrique Souza Bueno
Roberto Wagner S. Fonseca
Paulo Henrique O. Azevedo
Maria José dos Santos
Mayla Silveira
Rosa H.B. Valdissera Santos

Dia 15
Mágilla da Silva Rodrigues
Juliana Rodrigues Ferreira
Nadini Naguisa de Azevedo
Ramon de Castro P. Silva
Patrícia Labegalini De Nez
Camila Fernandes Lopes
Lucila do Carmo Santos
Paula Rossi de Oliveira
Dia 16
Maria do Carmo Renção
Dia 17
Júlio César Duarte
Paulo Henrique Machado
Ygor Tadeu Comune
Danilo Henrique de Souza
Dia 18
Nilson Paschoal Gonçalves
Dia 19
Paula M. Guarini Corrêa
Sebastião Paulo Vitoriano
Eliana Maria Zucato
Maria Carolina Bernardi
Carolina de Castro Gonçalves
Bruna Trindade Diniz
Luís Henrique N. Zucato
Dia 20
Larissa Moraes de Oliveira
Luana Silveira Andreta
Célia Luiza G. Penachi
Dia 21
Ana Cláudia Santos de Christo
Jair Francisco Ruiz Jr.
Brenda Lindsey Fávero
Dia 22
Sérgio Ricardo Righeti
Fátima Faraco
Rafael Penachi
Augusto César Botarelli
Saulo Luis Genghini
Dia 23
Manuela Z. Mantovani
José Luiz dos Santos
Dia 24
Edina Maria Diniz
Heloísa de Jesus Barbosa
Mário Lúcio G. Oliveira
Dia 25
Suely Barbosa Virgílio
Cláudia A. Benatti
Paula Daniela Silva
Dia 26
Analu Armelin Pitelli
Luiza Ferraz
Regina Martins
Dia 27
Pedro de Castro Ribeiro
Neto
Jussara Laira Grossi
Luiz Felipe Fabri
Flávia Dias e Silva
Regiane Vieira Toledo
Márcia Zucato
Dia 28
Gilberto A. Otaviano
Humberto Guireli
Dia 29
Caroline Tavares Odino
Dia 30
Pedro Mariano Martins
Gisleine Lopes
Vitor Monteiro Guinesi
Dia 31
Murilo Dias
Hercília Ruiz dos Santos
Maria das Graças Barros
Murilo Dias Fernandes
Maria de Fátima Tavares Silva
Regina Alves Martins

FENAT 2025

Resultado do esforço combinado da Prefeitura Municipal, sob o Comando do Dr. Juninho Zucato, e da ACIMS (Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e de Serviços de Monte Sião) foi instalada em junho, a FENAT 2025, cujas atividades principais se concentraram no Centro de Exposições e Lazer, espalhando-se por toda a cidade, época em que os visitantes circulam em busca de melhores compras. Fato muito positivo foi a gratuidade de estacionamento. Como nos velhos tempos... Avanti, Monte Sião!

DIA DE "MACARRÃO QUADRADO"

Convidados que fomos pelo casal de amigos Lúcia Gottardelo e Paulo, dirigimo-nos até a Chácara da Família Mussi, na Batinguinha, para um almoço à base do prato típico das descendentes de italianos da cidade, o Macarrão Quadrado, prato elevado à condição de Patrimônio Cultural da Cidade por meio de projeto do então vereador Rafael Lúcio. Em italiano o prato poderia ser chamado de "Maccheroni Quadrati". Aproveitando o convívio de muitos amigos e colegas de infância, tivemos a honra de saborear a iguaria, entre uma prosa e outra. Eita, coisa boa!

MIRELLA E O SONHO DE SER ADVOGADA!

Foi no almoço de 08/06/25 que conhecemos a jovem Mirella, neta de nossa anfitriã Maria Inês L. Mussi, que, ainda em tenra idade, já traz na alma o desejo de se tornar advogada! Que Deus a ilumine em sua busca por uma profissão tão nobre. Estude muito e não perca o foco!

CHÁCARA DA FAMÍLIA MUSSI E A XI GENGHINADA

O sonho de vida e convívio de nosso finado amigo Toninho Mussi, ou Toninho do Pedro Turco, e sua amada esposa Maria Inês, criou com esforço, carinho e dedicação em espaço multifuncional agradabilíssimo, que agora a família abre para a realização de eventos. Portanto, tomo a liberdade de recomendá-lo para eventos familiares envolvendo aproximadamente até 100 pessoas. Aconchegante, arejado, bem distribuído e de fácil acesso. Aliás, a XI Genghinada será lá, em 27 de julho de 2025. Quem se interessar pelo ambiente pode se por em contato com Maria Inês pelo watsapp +55 35 8841-1334. Garanta o sucesso de sua festa!

PILATES

... continuamos nos alinhando na academia de pilates "Alinhe-se" onde nos acolhem as gentis senhoritas Letícia e Luana, além do prazer de compartilhar o horário com pessoas magnânimas. Tá valendo a pena!

LIVROS E LEITURAS

Há algum tempo, adotei o hábito de ler nas minhas viagens de metrô pela cidade de São Paulo. Dias atrás, quando estava lendo "Maestro del Networking - Construindo Relaciones em su Agenda y em su Alma" fui abordado pela jovem Fernanda que me pediu detalhes do livro, manifestando legítimo interesse, e na ocasião prometi presenteá-la logo que terminasse a leitura, visto que se trata de obra adquirida há mais de vinte anos, em Buenos Aires. Espero que

a Fernanda aproveite o conteúdo e que aperfeiçoe seus conhecimentos do idioma espanhol. Nossa próxima leitura será "O Templo Sagrado - A Floresta, O Cego e o Mestre, de André Grossi, filho de meus amigos Sônia e Carlos Grossi, o Kuaia. Manda mais, André!

A CORREDEIRA DA MANILHA MATAVA A SEDE DOS MENINOS - OH, TEMPORA, OH MORES!

Quando crianças, meus colegas e eu, indo da Batinguinha ao Grupo Escolar D. Otávio Chagas, matávamos a sede numa pequena corredeira que se formava nas manilhas que transferiam as águas do córrego para o outro lado da pista. Água corrente, fresquinha e farta... matávamos a sede e ainda lavávamos a cara. Todo o entorno era pasto onde o gado do Oscar Donha zigue-zagueava preguiçoso. Depois, anos mais tarde, a família Izu-me plantou tomates e outros vegetais, mudando desde então a consistência do Corguinho... a água ficou barrenta e já tinha resíduos de pesticidas. Depois a área virou pasto novamente, mas ninguém mais parava nas manilhas para nada. Atualmente, uns 60 anos depois, a antiga área, nas mãos de outros proprietários, está sendo loteada, com lotes de alto padrão... progresso. Porém, surpreso e saudosos, observei que as manilhas que farão a coleta dos esgotos do loteamento irão despejar diretamente no nosso antigo bebedouro. Esperamos que, pelo menos terão algum sistema de tratamento de esgoto, senão vai virar uma catanga só! Oh, tempora, oh mores! - Oh, tempos, oh, costumes!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

Capra din Mălini

MATHEUS ZUCATO

Faça-me uma pergunta ou fique muda
eu não me importo...

talvez seja eu quem deva perguntar

fique muda e ria gargalhando

sorria o mal à face dos sujeitos

vá devagar

ordene um cabo de machado

azede o leite que eles bebem

meça o sangue de um bezerro

que já não lhe serve mais

quebre mais de mil corações
e faça uma sopa em seu porão
de tijolos cores de anil

saia a noite o traga com você,
esconda-se nas árvores por mim
e sorria novamente para o chão

chame seus meninos
e dancem gargalhando
pois esta noite o mundo é de vocês

vamos nos deitar
em campos de enxofre
vamos honrar o mundo.
hoje é você quem corta
o som da respiração.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180